

**Danytiele Cristina Fernandes de Paula;  
Carolina Cau Sposito Ribeiro de Abreu**  
(PG-UNESP – IBILCE)

## **A transparência na expressão da quantificação nas línguas indígenas das famílias Tupi-Guarani e Maku**

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the transparency when related to quantification in eight indigenous languages of two Brazilian families, Tupi-Guarani and Maku. The objective is, considering the perspectives of Functional Discourse- Grammar theory (Hengeveld; Mackenzie 2008), to analyze the expressions of quantification in the languages, highlighting how they occur within the levels of analysis and the transparency and/or opacity relations from the number encoding relations. Based on Câmara et al. (in this book), it is possible to assume that the notion of plurality is expressed in two ways, one specific and the other non-specific. In this way, according to the definition of transparency given by Leufkens (2015) and Hengeveld and Leufkens (unpublished), data analysis shows that the languages of the Tupi-Guarani family are transparent when related to the expression of quantification, indicating only once both the specific and non-specific quantities, with no number concord or number agreement. The languages of the Maku family express specific and non-specific amounts in different ways, reinforcing the proposal of Câmara et al. (in this book) regarding the transparency in the expression of the forms of quantification.

**KEYWORDS:** Quantification; Transparency; Tupi-Guarani family; Maku family; Functional discourse-grammar.

**RESUMO:** O presente artigo investiga a transparência na expressão da quantificação em oito línguas indígenas de duas famílias do Brasil, Tupi-Guarani e Maku. O objetivo é, a partir da perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie 2008), analisar a quantificação nas línguas, destacando como esta ocorre dentro dos níveis de análise, e as relações de transparência e/ou de opacidade a partir da codificação de número. Com base em Câmara et al. (neste volume), parte-se do pressuposto de que a noção de pluralidade é expressa de duas formas, uma específica e outra não-específica. Desse modo, de acordo com a definição de transparência dada por Leufkens (2015) e Hengeveld e Leufkens (inédito), a análise dos dados mostra que as línguas da família Tupi-Guarani são transparentes com relação à expressão da quantificação, indicando apenas uma vez tanto a quantidade específica quanto a não-específica, não havendo acordo ou concordância de número. As línguas da família Maku expressam quantidade específica e não-específica de modos distintos, reforçando a proposta de Câmara et al. (neste volume) a respeito da transparência na expressão das formas de quantificação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quantificação; Transparência; Família tupi-guarani; Família maku; Gramática discursivo-funcional.

## 1. Introdução

O presente artigo investiga a quantificação em línguas indígenas das famílias Tupi-Guarani e Maku, além de tratar da transparência dessas línguas a partir da análise dos fenômenos denominados concordância e acordo de número como formas de expressão da pluralidade. Para tanto, toma-se como aparato teórico a Gramática Discursivo-Funcional como concebida por Hengeveld e Mackenzie (2008), bem como os trabalhos teóricos sobre transparência de Leufkens (2015) e Hengeveld e Leufkens (inédito), além dos artigos, presentes neste volume, de Camacho; Pezatti; Abreu; Paula (2017) e Câmara; Garcia; Novaes-Marques; Pezatti (2017).

Segundo Leufkens (2015), a concordância de número ocorre quando a pluralidade é expressa por meios lexicais (numerais) e também por meios gramaticais (afixos, partículas, etc.); já o acordo de número ocorre quando a propriedade de quantificação é copiada do núcleo em seu(s) modificador(es). Considerando-se a definição de transparência, também de acordo com Leufkens (2015), e o modo como ocorre a relação de um-para-um entre e dentro dos níveis de análise (cf. Camacho et al. 2017, neste volume), os dois fenômenos, acordo e concordância, representam uma violação das relações de um-para-um, gerando redundância a partir da dupla marcação da quantificação.

Câmara et al. (2017), com base no estudo tipológico de 14 línguas indígenas, propõem que a expressão da pluralidade ocorre de duas formas distintas: por meio da quantificação específica (lexical) e não-específica (gramatical). Desse modo, diferente do que é postulado por Leufkens (2015), na concordância de número, não há redundância, mas sim duas informações codificadas de forma distinta.

A partir da proposta apresentada por Câmara et al. (2017, neste volume), foram analisadas oito línguas indígenas de duas famílias, Tupi-Guarani e Maku, conforme mostra o quadro abaixo com a descrição das línguas e gramáticas utilizadas na análise:

**Quadro 1:** Gramáticas de línguas indígenas analisadas

FAMÍLIA	LÍNGUA	GRAMÁTICA
Tupi-Guarani	Guajá	Magalhães (2007)
	Kamaiurá	Seki (2000)
	Kokama	Yopán (2010)
	Kaiowá	Cardoso (2008)
Maku	Nadëb	Weir (1984)
	Yuhup	Bozzi (2002)
	Dâw	Martins (2004)
	Hup	Epps (2005)

O critério de seleção do corpus é baseado na amplitude das gramáticas selecionadas segundo os aspectos das línguas abordados em cada uma, além de considerar a formação de uma amostra representativa de duas famílias que são significativas no estudo das línguas indígenas brasileiras. A análise de quatro línguas de cada família permite um panorama a respeito das características compartilhadas por elas. Desse modo, é possível realizar comparações dentro de cada família e entre as famílias, destacando os diferentes sistemas de quantificação, de expressão das quantidades específicas e não-específicas, bem como da própria transparência.

Para a apresentação dos resultados, o presente artigo se encontra dividido em quatro outras seções. Na seção 2, apresentamos brevemente a noção de transparência e os conceitos de concordância e acordo de número. Na seção 3, analisamos as línguas da família Tupi-Guarani: 3.1 Guajá, 3.2 Kamaiurá, 3.3 Kokama e 3.4 Kaiowá. As línguas da família Maku são analisadas na seção 4: 4.1 Nadëb, 4.2 Yuhup, 4.3 Hup e 4.4 Dâw. Por fim, na seção 5, realizamos algumas considerações acerca dos resultados de pesquisa e das comparações entre as formas de expressão da quantificação.

## 2. Concordância e acordo de número: a questão da transparência

De acordo com Hengeveld e Leufkens (inédito), a transparência nas línguas pode ser definida como o alinhamento de um para um entre unidades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas. Dessa forma, há transparência quando uma unidade do nível interpessoal corresponde a uma unidade no nível representacional, no morfossintático e também no fonológico, configurando, portanto, uma relação de um-para-um quando uma unidade de um dos níveis da organização linguística corresponde a uma unidade em algum dos outros níveis da organização (Leufkens, 2015: 12).

Leufkens (2015) explicita as categorias de opacidade a partir dessa noção mais ampla de transparência, considerando a relação entre todos os níveis e também dentro deles. Dentre as categorias está a redundância, que ocorre quando uma unidade de significado é expressa por múltiplas formas.<sup>1</sup> Nessa perspectiva, a expressão da quantificação é um caso de redundância quando envolve mais de uma unidade entre os níveis representacional e morfossintático, violando a relação de um para um entre eles, como nos casos de acordo sintagmático e concordância de número.

O acordo sintagmático é definido por Leufkens (2015: 55) como a concordância entre o núcleo e seu(s) modificador(es), ou seja, uma propriedade formal do núcleo é copiada em seu(s) modificador(es). Assim, quando a quantificação é marcada duas vezes por meio de expressões gramaticais, tais como morfemas, afixos etc., como é o caso de *as abelhas*, há a repetição da noção de número (plural) em mais de um elemento do sintagma. Essa dupla marcação configura-se como caso de cópia, fenômeno que ocorre dentro de um único nível, no morfossintático. Como destacam Câmara et al. (2017, neste volume), “a reduplicação da noção de quantificação em dois ou mais elementos do sintagma configura um tipo de opacidade, pois a mesma noção co-ocorre em dois ou mais constituintes na oração sem contribuição para a construção do significado, é apenas uma repetição morfossintática”.

---

<sup>1</sup> Conferir Camacho et al. (2017, neste volume).

A propriedade semântica de número, segundo Leufkens (2015: 53), pode ainda ser expressa lexicalmente por meio de um quantificador ou numeral e, gramaticalmente, por meio de sufixos aplicados à unidade em questão. Assim, há redundância, e conseqüentemente não transparência, quando, ao mesmo tempo, um numeral igual ou maior que dois modifica um nome e a pluralidade é marcada gramaticalmente, resultando na concordância.

De acordo com a abordagem de Leufkens, tanto a quantificação definida (quantificador ou numeral) quanto a indefinida (morfemas indicadores de pluralidade) compõem uma única informação, portanto, em *duas abelhas*, por exemplo, ocorre concordância de número, pois há expressão da pluralidade por meios lexicais e por meios gramaticais, ou seja, estabelece-se uma relação de um-para-dois entre o nível representacional e o nível morfossintático.

Entretanto, nas análises, adotamos a proposta desenvolvida por Câmara et al. (2017, neste volume). De acordo com as autoras, os operadores gramaticais indicam uma quantidade indefinida e os numerais fornecem a quantidade definida. A escolha entre especificar ou não a quantidade é realizada pelo falante, que escolhe os numerais quando deseja ser preciso e as expressões gramaticais quando deseja expressar uma noção geral de mais de um. Em termos de análise, no nível morfossintático, a quantidade definida é expressa por meios lexicais (Nw), enquanto a quantidade indefinida, por meios gramaticais, com afixos (Aff) ou palavras gramaticais (Gw) ou por operadores de queda/ subida no nível fonológico.

A partir dessa nova proposta, entende-se que não há opacidade, mas uma relação de um-para-um entre significado e forma. Assim, mantém-se a transparência entre os níveis representacional e morfossintático/fonológico, tendo em vista que a quantificação definida, advindo do nível representacional, é expressa por meios lexicais no nível morfossintático, enquanto que a quantificação indefinida é expressa por meios gramaticais no nível morfossintático ou prosódicos no nível fonológico.

Observa-se, portanto, que a proposta de Câmara et al. (neste volume) difere da de Leufkens (2015). Enquanto esta entende que a concordância de número é um caso de redundância e, portanto, de opacidade, as autoras defendem que não há opacidade, mas sim a manutenção da relação de um-para-um entre quantificação definida e indefinida, formuladas no nível representacional e codificadas no morfossintático/fonológico. Como veremos na análise, tal distinção é fundamental para as línguas indígenas estudadas.

Considerando, assim, a quantificação como objeto de análise e a proposta de Câmara et al. (2017, neste volume) de quantificação definida e indefinida, analisamos a transparência nas línguas indígenas das duas famílias: Tupi- Guarani (*Guajá, Kamaiurá, Kokama e Kaowá*) e Maku (*Nadêb, Yuhup, Hup e Dâw*).

### 3. Família Tupi-Guarani

As línguas da família Tupi-Guarani (doravante FTG) compartilham um grande número de propriedades, tanto de estrutura como de léxico. Dentre as observações que o autor faz, após comparar as línguas, afirma que a família linguística Tupi-Guarani apresenta prefixos marcadores de sujeito comuns aos verbos intransitivos e transitivos em orações independentes, incluindo formas iguais ou deriváveis fonologicamente de: *a-* “eu”, *ere-* “você”, *ja-* “eu e você”, *oro-* “eu e ele”, *pe-* “você e ele”, *o-* “ele, eles” (também “eu, você e ele”), como em (1):

## (1) Guajá (Magalhães 2007: 28)

*a-jahó*     *matá*     *u-' ú=pa*  
 1-ir     PROJ<sup>2</sup>     R<sup>2</sup><sup>3</sup>-comer=GER  
 ‘eu vou para comer’

Além disso, Rodrigues (2011: 236) observa também que, no que tange ao uso de pronomes pessoais com a função de exprimir possuidor, sujeito de verbos descritivos e objeto direto, assim como sujeito de verbos intransitivos em orações dependentes, é recorrente o uso de formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: *txé* “eu”, *(e) né* “você”, *jané* “eu e você”, *oré* “eu e ele”, *pe(ê)* “você e ele” (também *atxé* “eu, você e ele”), como em (2):

## (2) Kaiowá (Cardoso 2008: 71)

*'oré*     *pohê 'ndu-ma*  
*ore*     *po-h-ênu*     *mã*  
 nós(excl)     1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup>pl-rel-escutar     asp  
 ‘nós já escutamos vocês’

Outra observação do autor, relevante para as línguas da FTG analisadas no presente trabalho, refere-se ao uso de prefixos relacionais incluindo *r-*, que assinala que o determinante da palavra prefixada é a palavra que a precede, como em (3):

(3) Kamaiurá (Seki 2000: 57)<sup>4</sup>

*je=r-up*  
 1sg=Rel-pai  
 meu pai

Em relação ao tipo linguístico, Dietrich (2010: 19) postula que as línguas da FTG apresentam traços aglutinantes evidentes e isso se justifica por conta do grande número de prefixos e sufixos, que, juntos, constroem sintagmas complexos, combinando vários sufixos numa ordem bem estabelecida. O autor afirma ainda que os nomes podem apresentar sufixos átonos locativos, de grau, como diminutivos, aumentativos, intensivos, de aspecto, de quantificação, de negação, de diversos tipos de nominalização. Os verbos podem ter prefixos de pessoa, de modo, de voz, de nominalização e sufixos de tempo, de aspecto e de nominalização.

Mattos (2015: 27) ressalta que as línguas da FTG expressam o plural de variadas maneiras: afixos, partículas, reduplicação. A última, nos nomes, tem a função de pluralizadora, enquanto nos verbos, assume a função de intensificadora ou marcadora aspectual de iteratividade. Já nos nomes independentes com características +humano e/ou +animado, a noção de plural costuma ser expressa por meio de afixos ou partículas coletivizadoras, significando o “agrupamento” daquelas entidades, como acontece, por exemplo, em Guajá, com o sufixo *-kér* ou *-ér*, que discutiremos na próxima seção.

<sup>2</sup> Para Magalhães (2007), PROJ indica aspecto projetivo, que, quando associado com o predicado nominal, é utilizado pelos falantes da língua para indicar a existência virtual prospectiva, que pode implicar na realização futura do evento ou apenas no desejo e/ou intenção do falante.

<sup>3</sup> Para Magalhães (2007), R<sub>2</sub> indica prefixo relacional não contíguo.

<sup>4</sup> Em kamaiurá, a subclasse *-r* contém somente nomes inalienavelmente possuídos iniciados por vogal. Caso seja iniciado por consoante, a subclasse  $\emptyset$  é utilizada.

No que tange à ordem dos constituintes nas orações transitivas, afirmativas e independentes, Dietrich (2009: 01) afirma que, quando se trata de línguas da FTG, isso é variável. O autor observa que a ordem dos constituintes nessas línguas é tradicionalmente reconhecida como tendo o objeto anteposto ao verbo, com a posição de sujeito relativamente livre, podendo ocorrer, portanto, SOV ou OVS. No entanto, as línguas que possuem contato intenso e recorrente com o português e o espanhol têm apresentado mudanças de ordem, observando-se frequentemente a movimentação do objeto para posição posterior ao verbo, portanto, VO. O Guajá, por exemplo, parece confirmar essa tendência já que a língua não apresenta tais variações, preservando a ordem canônica das línguas da FTG, isto é, com O anteposto a V, provavelmente em razão do pouco contato desses indígenas com a língua portuguesa, como afirma Magalhães (2007) em sua pesquisa sobre a língua.

### 3.1. Guajá

Magalhães afirma (2007: 147) que, no guajá, com relação à categoria número, a não ser pelo pronome dependente de terceira pessoa plural associado aos nomes com determinante obrigatório, não há morfemas na língua que distingam singular do plural, mas os nomes podem receber um sufixo que denota coletivo.

Segundo Magalhães (2007: 148), os nomes não são marcados para número, mas ocorre na língua uma distinção similar à de número, isto é, não há realmente uma categoria de plural, mas de coletivo, que marca a diferença entre um representante único de uma entidade e um grupo. O sufixo *-kér* ou *-ér* é o morfema flexional que denota coletivo e um tema nominal como *awa'y* ‘criança’ marcado por ele, *awa'y-kér-a*, não significa simplesmente ‘as crianças’, mas refere-se a um grupo de crianças:

(4) Guajá (Magalhães 2007: 148)

<i>awá-wanihã-kér-a</i>	<i>i-mymýr-a</i>	<i>Ø-pyhy'</i>	<i>wy'</i>
Guajá-homem-COLL-N	R <sup>5</sup> -filho-N	3-pegar	PLU <sup>6</sup>

‘um grupo de Guajá homens pegaram seus filhos’

(5) Guajá (Magalhães 2007: 148)

<i>terewé</i>	<i>Ø-memer-ér-a</i>
barata	R <sup>7</sup> -filho-COLL-N

‘um grupo de filhotes de barata’

A autora afirma ainda (2007: 45) que, no guajá, os numerais constituem uma classe lexical independente, cujos membros podem ocorrer tanto como núcleos de predicados quanto como modificadores de sintagmas nominais. Há palavras específicas para os números ‘um’ e ‘dois’ e, a partir daí, um numeral para ‘mais de dois’:

<sup>5</sup> Para a autora, R<sup>2</sup> indica prefixo relacional não contíguo.

<sup>6</sup> Para a autora, PLU indica partícula pluralizadora de sujeito. Por se tratar de uma marcação de plural no sujeito, este caso não será considerado na análise.

<sup>7</sup> Para a autora, R<sup>1</sup> indica prefixo relacional contíguo.

## (6) Guajá (Magalhães 2007: 45)

<i>makamutuhũ</i>	‘um’
<i>inuhũ</i>	‘dois’
<i>ha’i</i>	‘mais de dois’

Pode-se afirmar que a língua Guajá se enquadra em um sistema de base *um* e *dois*,<sup>8</sup> porém também se enquadra em um sistema característico de línguas da família do Tupi-Guarani, pois expressa números baseados em outras classes gramaticais.

Tal fato pode ser verificado em situações em que os numerais diferem morfologicamente dos nomes já que não se combinam com morfemas como o sufixo nominal *-a*, nem com os sufixos de atualização nominal,<sup>9</sup> nem com o sufixo do caso locativo. Diferem também sintaticamente dos nomes, pois, quando na função de modificadores, têm maior liberdade de posição, podendo ocorrer antes ou depois do sintagma nominal, sem nenhuma vinculação com ele por meio de prefixos relacionais. Consideremos as ocorrências a seguir:

## (7) Guajá (Magalhães 2007: 45)

<i>n=Ø-iká-j</i>	<i>ha’i</i>	<i>xahú-a</i>	<i>anỹ</i>
NEG=3SG-matar-NEG	mais.de.dois	porcão-NML	CONJ <sup>10</sup>
‘não matou mais de dois porcos’			

## (8) Guajá (Magalhães 2007: 46)

<i>Inuhũ</i>	<i>kahú</i>	<i>r-apé-puhú-a</i>	<i>anỹ</i>
dois	carro	R <sup>1</sup> -caminho-novo-NML	CONJ
‘tem duas estradas novas também’			

Tais ocorrências demonstram que, na língua Guajá, a quantificação definida ocorre com o uso de palavras específicas para o numeral “um” (*makamutuhũ*) e “dois” (*inuhũ*) apenas; para indicar um número maior que “dois”, a língua apresenta a palavra *ha’i*. Já em relação à quantificação indefinida, não há morfemas que diferenciam singular de plural, mas apenas sufixos (*kér* - *ér*) que podem ser colocados antes do nome para indicar coletivo, havendo, portanto, transparência.

### 3.2. Kamaiurá

De acordo com Seki (2000: 319), na língua kamaiurá, utiliza-se, para exprimir quantificação, palavras para números e quantificadores que funcionam como adverbiais. Em relação aos numerais, a autora (2000: 79) afirma que foram registradas palavras para numerais cardinais até o número vinte.

<sup>8</sup> Característica compartilhada com outras famílias como Arawak e Jê.

<sup>9</sup> Segundo Magalhães (2007: 161), “são sufixos derivativos endocêntricos que distinguem a existência atual e presente, não marcada, da existência virtual retrospectiva ou prospectiva. Por exemplo: *t-ipá* ‘casa’, *tipá-kér-a* ‘casa abandonada ou destruída’, *t-ipá-rỹm-a* ‘casa projetada ou em construção’.

<sup>10</sup> É importante ressaltar que não consideramos tal conjuntivo como uma marca de plural. Segundo Magalhães (2007: 93), a partícula *anỹ* refere-se a um elemento conjuntivo de orações, podendo ocorrer mais de uma vez na construção. Funciona como uma partícula aditiva que, em determinados contextos, assinala a repetição de uma ação e, em outros, seqüências de eventos, realizados ou não pelo mesmo sujeito. Entre as partículas de posição final, é a de localização mais externa.

Consideremos os exemplos:

(9) Kamaiurá (Seki 2000: 319)

*mokôj kunu'um-a o-yk*  
dois menino-N<sup>11</sup> 3PL-chegar  
'dois meninos chegaram'

(10) Kamaiurá (Seki 2000: 319)

*mo'apyt moytsowy-a r-iru-a a-mepy*  
três miçanga-N REL<sup>12</sup>-pacote-N 1SG-comprar  
'eu comprei três pacotes de miçanga'

Números e quantificadores podem ocorrer em posição não adjacente ao nome e, em determinadas condições, o numeral pode vir sozinho, sendo recuperada pelo contexto a referência ao item a que se relaciona:

(11) Kamaiurá (Seki 2000: 319)

*yrypany-a a-pyhyk mokôj*  
cesta-N 1SG-pegar dois  
'eu pego duas cestas'

(12) Kamaiurá (Seki 2000: 320)

*awiãw-a r-ataeny-a wite okoj mokôj i-pepo katy*  
avião-N REL-luz-N COMPV DEICT dois 3-asa DIR  
'era como luzes de avião aquilo: duas na direção das asas'

O kamaiurá assinala o plural por distintos recursos: (i) sufixos *-met ~ -et e -meret* (forma reduplicada), como no exemplo (13); (ii) sufixo *-het ~ -et*, formalmente idêntico ao sufixo de passado nominal. Esse sufixo acrescenta-se também aos pronomes de primeira e segunda pessoa do plural, como mostra (14); (iii) sufixo *-wet*, registrado somente com a palavra *tamyj* "avô", com o sentido de antepassado, como em (15); e (iv) nasalização da consoante final, inclusive do sufixo coletivo, em termos designativos de parentesco, como em (16):

(13) Kamaiurá (Seki 2000: 59)

*kunu'um "menino" kunu'um-et "os meninos"*  
*kujã "mulher" kujã-meret "as mulheres"*

(14) Kamaiurá (Seki 2000: 59)

*je=re'yj "meu companheiro" je=re'yi-het "meus companheiros"*

(15) Kamaiurá (Seki 2000: 59)

*tamyj "avô" tamyj-wet "antepassados"*

(16) Kamaiurá (Seki 2000: 59)

*i-tutyp "tio dele" i-tutyn "os tios deles"*

<sup>11</sup> Segundo o autor, caso nuclear.

<sup>12</sup> Segundo o autor, indica prefixo relacional.



Observa-se que, nos sintagmas nominais, o sufixo *het*, que indica plural, ocorre uma única vez pluralizando todo o sintagma, como ilustram (17) e (18):

- (17) Kamaiura (Seki 2000: 319)

*je=re'yj*  
 POSS=companheiro  
 ‘meu companheiro’

- (18) Kamaiurá (Seki 2000: 319)

*je=re'yi-het*  
 POSS=companheiro-PL  
 ‘meus companheiros’

Assim, no que tange à expressão da quantificação indefinida, observa-se que, na língua kamaiurá, há sufixos que indicam plural, como nos exemplos acima. Para a quantificação definida, por sua vez, a língua apresenta sistema numérico cardinal e ordinal e os falantes não adicionam marcação de plural aos substantivos para além da indicação específica de quantificação. Sendo assim, a relação de um-para-um é mantida, configurando transparência quanto à quantificação.

### 3.3. Kokama

Segundo Vallejos (2010: 160), a gramática kokama exibe algumas distinções quando se compara a fala da mulher com a fala do homem e uma dessas distinções está na marcação diferencial de número. Singular representa a categoria não marcada, enquanto o plural é marcado para homem pelo sufixo =*kana* e, para mulheres, pelo sufixo =*nu*. O plural se manifesta pelos sufixos que aparecem presos à última palavra, substantivo ou verbo nominalizado, de um sintagma nominal, como em (19):

- (19) Kokama (Vallejos 2010: 160)

*ay uchima=ri tsaipurapan=kana*  
 already go.out=ri drinkCOMPL-NMLR=PL.M  
 ‘And then the drunks are coming out.’ (*E então os bêbados estão saindo.*)

Segundo Vallejos (2010: 267), o sistema de numeração dos kokama é decimal. De onze a dezenove, os números são construídos com base na *chunka* ‘dez’ mais os números de um a nove que a seguem. O número vinte é uma construção de dois números adjacentes, [Num Num], na qual o primeiro número, *mukuika* ‘dois’, modifica o segundo substantivo, *chunka* ‘dez’. Tal estratégia é aplicada para os números consecutivos.

A função principal de números na língua kokama, segundo Vallejos (2010: 267), é de ser determinante do substantivo que eles precedem. O substantivo modificado não precisa ser marcado como plural se o número de modificação é maior que ‘um’. Assim, os falantes não precisam adicionar marcação de plural ao substantivo. Dentro de um mesmo contexto, um falante produziu tanto a expressão *mukuika awa* quanto *mukuika awa=kana*, ambas com o significado de ‘duas pessoas’. Segundo Vallejos (2010: 267), aparentemente, a marcação de concordância de plural é uma estratégia pouco comum na língua. No entanto, em alguns casos, numerais e plural co-ocorrem.

Os tipos de substantivos que aparecem modificados por números no banco de dados variam semanticamente de seres animados (*napitsara* ‘homem’, *mimirakunia* ‘filha da mulher’, *irua* ‘amigo/irmão’, *o inia* ‘tipo de peixe’, etc.) aos substantivos com interpretações temporais, tais como *wata* ‘ano’, *ikuashi/kuashi* ‘sol/dia’, *yatsi* ‘lua/mês’, ou empréstimos espanhóis como ‘semana’, ‘hora’, etc. Observemos:

(20) Kokama (Vallejos 2010: 267)

*ta umi wepe ikiratsen yamima-pa-n*  
 1SG see one kid be.sad-COMPL-NMLZ/REL  
 ‘I see one kid full of sadness.’ (*Eu vejo uma criança cheia de tristeza.*)

(21) Kokama (Vallejos 2010: 267)

*mutsapirika nanin kuakuara-n=kira r=umi*  
 three only be.empty-NMLZ=DIM 3SG=see  
 ‘Only three little holes he sees.’ (*Ele só enxerga três buracos.*)

(22) Kokama (Vallejos 2010: 267)

*mukuika kuashi na iyi-ta na meu=utsu*  
 two day 2SG grill-CAUS 2SG meo=FUT  
 ‘For two days you will toast your meo (cassava tortilla).’ (*Por dois dias você irá tostar seu meo (tortilla de cassava).*)

(23) Kokama (Vallejos 2010: 276)

*ay wayna aypa-n, mukuika chunka wata etse*  
 already woman grow.up-NMLZ two ten year 1SG  
 ‘A grown up woman, I’m already twenty years old.’ (*Uma mulher crescida, eu já estou com 20 anos.*)

Portanto, no que se refere à quantificação indefinida, é possível observar que a língua apresenta sufixos para marcação de plural masculino (=kana) e feminino (=nu), além de apresentar também um sistema numérico ordinal até dez, que marca a quantificação definida. Por fim, verifica-se, a partir da análise dos dados da língua, a possibilidade de uso da marca de plural =kana com o numeral no mesmo sintagma. Porém, é importante ressaltar que, em uso, os falantes produzem apenas o numeral sem que este esteja acompanhado da marca de plural. Dessa forma, há transparência pela não redundância de marcação das quantidades definidas e indefinidas.

### 3.4. Kaiowá

Alguns nomes são caracterizados pela categoria de número, com as propriedades: singular ou plural, pela ocorrência da partícula pluralizadora [*kweri* ~ *kwerá* ~ *ŋwera*]. Esta partícula também ocorre com os pronomes pessoais livres. Vejamos alguns exemplos:

(24) Kaiowá (Cardoso 2008: 42)

a) [pirakwe’rî]  
*pira kweri*  
 peixe PL  
 ‘peixes’

- b) [mĩ'tãŋgwe'ra]  
*mitã*            *kwera*  
 criança            PL  
 'crianças'

As expressões de número, em kaiowá, podem se manifestar por meio de numerais e palavras quantificadoras. Exemplos: *peteʔĩ* 'um, uma'; *mõkõĩ* 'dois, duas'; (*h)eta* 'muito(s), muita(s)' etc. Cardoso (2008: 42) afirma que, ao questionar sobre a variação entre [*kweri* ~ *kwera*], o professor indígena Ernesto Fernandes Ortiz<sup>13</sup> descreve que a forma de palavra *kweri* é mais usada pelos falantes kaiowá e que a outra forma, *kwera*, é preferida pelos Nhandewa (Guarani, autodenominação). Tal observação deverá ser averiguada em trabalhos futuros, considerando, ainda, a hipótese de que a classe de nomes em kaiowá requeira sua pluralidade marcada em certos tipos semânticos e não em outros. Vejamos os exemplos a seguir:

- (25) Kaiowá (Cardoso 2008: 258)

[ha upe rupi oikwaasẽ rãmõ kweri]  
*ha*   *upe*   *rupi*            *o-i-kwaasẽ*            *rãmõ*   *aluno*   *kweri*  
 e    isso    POST            3PL-DIR-saber-desid<sup>14</sup>    SBJV    aluno    PL  
 'e por isso, os alunos querem saber'

- (26) Kaiowá (Cardoso 2008: 270)

[ãĩ rupi ramo odzepota ramõ mitã kujã kweri rehe]  
*ãĩ*            *rupi*    *ramõ*    *o-je-pota*            *amõ*    *mĩtã*            *kujã*    *kweri*    *rehe*  
 agora    POST    SBJV    3PL-REFL-encarnar    SBJV    criança            F            PL            POST  
 'de hoje em diante, se encarnar nas meninas (moças)'

Observa-se, no que tange à quantificação indefinida, que a língua utiliza partículas pluralizadoras [*kweri* ~ *kwera* ~ *ŋwera*] para manifestação de singular e plural, e numerais para expressar a quantificação definida, mas nunca de modo concomitante. Ou seja, não há dupla marcação de plural, e sim uma relação transparente de um-a-um do nível representacional para o nível morfossintático.

#### 4. Família Maku

A classificação das línguas da família Maku ainda é alvo de muitas controvérsias dada a incipiência do material existente. De acordo com Martins (2004: 6-7), os Maku estão distribuídos nos seguintes grupos: Nadëb, Kuyawi, Dâw, Hupda (Hup), Yuhup, Kakua e Nukak. A autora destaca que "há relativa inteligibilidade mútua entre os seguintes grupos: Nadëb e Kuyawi; Hupda e Yuhup; Kakua e Nukak. Isto porque esses grupos de línguas compartilham 90% de seu léxico. Com nenhuma língua Maku, Dâw é mutualmente inteligível" (Martins 2004: 7).

<sup>13</sup> Professor da Escola Ara Porã.

<sup>14</sup> Segundo a autora, indica morfema desiderativo, responsável por expressar as noções de desejo e querer.

De acordo com Martins (2004: 136-137), as línguas Maku são, predominantemente, isolantes, com certo grau de aglutinação; são majoritariamente sufixais e apresentam alguns elementos de fusão na fronteira de morfemas. Desse modo, Ospina (2002: 415) classifica o yuhup como uma língua isolante com graus de aglutinação. Martins (2004: 137) classifica o dâw como “uma língua relativamente isolante-analítica, com um sistema misto marcado por aglutinação e fusão de morfemas.” Com um sistema um pouco distinto, nadëb apresenta tendências polissintéticas, assim como o hup, que, segundo Epps (2005: 02), é uma língua isolante e relativamente aglutinante, sendo que a morfologia verbal apresenta essa tendência polissintética.

Para o presente trabalho, concentramos nossas análises em quatro das línguas mencionadas (dâw, hup, yuhup e nadëb), tendo em vista o acesso a descrições que permitem o desenvolvimento das análises.

#### 4.1. Nadëb

Existem poucas informações a respeito das construções marcadas por número em nadëb, no entanto, Weir (1984: 83) destaca que, “em geral, os nomes não são marcados por número, mas alguns substantivos apresentam formas singular e plural, como *txaah/taah* ‘filho/filhos’, *ĩnh / ĩy* ‘mulher/mulheres’”. Dessa maneira, não há uma marca morfológica de plural, mas formas específicas distintas para alguns nomes.

No que diz respeito à quantificação, nadëb apresenta numerais e quantificadores, que são, em geral, pouco precisos. Epps (2005: 266) observa que a língua nadëb apresenta o sistema mais “simples” dentre as línguas da família Maku, com termos lexicais para expressar somente 1, 2 e 3, sendo que dois e três tendem a ser usados de forma aproximada. Para quantidades maiores, são utilizados outros termos quantificadores, como “vários”, “todos”, “muitos”, etc., por vezes acompanhados da indicação do número apropriado por meio dos dedos das mãos.

##### (27) Nadëb (Weir 1984: 104)

*set ĩh a-gũw-wút*  
um eu form<sup>15</sup>-derrubar árvore-PFV  
‘derrubei uma (árvore).’

##### (28) Nadëb (Weir 1984: 104)

*sahõnh-hẽ<sup>16</sup> ãah wokxãab ãah ba-txũg-hũm*  
todos-adv nós pertence nós advrel-arrumar-ir  
‘movemos todos os nossos pertences para outro lugar.’

<sup>15</sup> “O prefixo formativo, a-, não aparece na presença de outros prefixos, elementos incorporados na LV, ou nomes proclíticos, mas geralmente acompanha uma raiz verbal principal na ausência de um ou mais desses fatores, ou seja, o prefixo a- é inserido num INC vazio na estrutura superficial, quando não existe um pronome proclítico que se possa vincular ao verbo.” (Weir 1984: 46)

<sup>16</sup> O uso do sufixo adverbial -hẽ “não está bem claro ainda, mas, pelo menos na maioria das ocorrências, aparece vinculado a advérbios.” (Weir 1984: 11)

(29) Nadëb (Weir 1984: 150)

<i>tamawób</i>	<i>lós</i>	<i>ãah</i>	<i>mi-aay-wút</i>
três	loja	nós	tema-perguntar-PFV
<i>dooh</i>	<i>mih</i>	<i>sa-nooh</i>	
NEG	REP	deles-boca	

‘perguntamos em três lojas. Eles disseram que não (tinham).’

Como é possível observar nos exemplos, não há dupla marcação de número, sendo suficiente apenas a quantidade específica para indicar a quantificação. Desse modo, quando são utilizados nomes com formas específicas de plural, não há especificação por meio do numeral. Assim, a língua mantém uma relação de transparência apenas com a indicação de quantidade específica ou não-específica, sem coocorrência.

#### 4.2. Yuhup

Segundo Ospina (2002: 247), a quantificação na língua yuhup é marcada por quantificadores e numerais. Os sintagmas nominais que apresentam quantificadores são formados pela justaposição do quantificador e do nome determinado por este. Por outro lado, os que se formam com um numeral têm sua construção alterada de acordo com o traço de animacidade do nome determinado.

Atualmente, o sistema de numerais é pouco utilizado pelos yuhup e está, aos poucos, sendo substituído pelo sistema do espanhol (em função da distribuição em território colombiano). Contudo, ainda é possível encontrar os numerais de um a cinco na fala cotidiana, nas músicas e nos contos. A persistência desses numerais é justificada pelo sistema de cálculo de base cinco, que considera os dedos das mãos e dos pés para a contagem.

O sintagma que apresenta quantificação definida por meio de numerais é formado pela justaposição dos elementos com a ordem determinante-determinado. Quando o nome é um ser animado, as marcas de indivíduo ou de coletivo (reinterpretada aqui como marca de número plural) podem ser pospostas ao numeral. Se for um único indivíduo animado, a marca de indivíduo não é obrigatória:

(30) Yuhup (Ospina 2002: 249)

<i>~cáh</i>	/	<i>~cé?</i>
un	/	abeille sp.

‘un abeille sp.’ (*uma abelha sp.*)

(31) Yuhup (Ospina 2002: 250)

<i>~cáh</i>	<i>jáp</i>	/	<i>~cé?</i>
un	IND	/	abeille sp

‘un abeille sp.’ (*uma abelha sp.*)

Caso seja um coletivo animado, a marca de coletivo é obrigatória e deve ser posposta ao numeral, sendo opcional a repetição da marca após o nome, como demonstra Ospina (2002: 249) nos exemplos a seguir:

## (32) Yuhup (Ospina 2002: 250)

a.  $\_b\check{a}ʔ$   $\_d\check{e}h$  /  $c\check{i}ʔ$  ( $\_d\check{e}h$ )  
 deux COLL / scarabée sp. (COLL)  
 ‘deux scarabées sp.’ (*dois escaravelhos sp.*)

b.  $\sim b\grave{o}d\acute{i}g^n\_w\check{a}p$   $\_d\check{e}h$  /  $b\grave{o}h\acute{o}w$  ( $\_d\check{e}h$ )  
 trois COLL / héron (COLL)  
 ‘trois hérons.’ (*três garças.*)

Por outro lado, se o nome representa uma entidade inanimada, o sintagma é formado pela justaposição dos termos sem qualquer marca:

## (33) Yuhup (Ospina 2002: 249)

$b\check{a}ʔ$  /  $h\grave{e}bb\check{o}g^n$   
 deux / balai  
 ‘deux balais.’ (*duas vassouras.*)

## (34) Yuhup (Ospina 2002: 249)

$\sim b\grave{o}d\acute{i}g^n\_w\check{a}p$  /  $\sim b\acute{o}b^m$   
 trois / hache  
 ‘trois haches.’ (*três machados.*)

Nos exemplos, observa-se a quantificação de entidades animadas e inanimadas. O sintagma se forma pela simples justaposição do numeral e um nome de animal ou objeto. A marca de plural, que está condicionada à animacidade, é obrigatória para animados e ausente para inanimados. Desse modo, podemos notar que, no caso de nomes animados, marca-se a quantificação por meio do numeral, indicando quantificação específica, e também por meio da marca gramatical de plural, indicando quantificação não-específica. Portanto, mantém-se a relação de um-para-um entre a formulação e a codificação da quantidade específica e não específica já que são codificadas uma única vez por mecanismos distintos: numeral e marca gramatical.

### 4.3. Hup

Em hup, a marca número apresenta dados que reforçam a tese de Câmara et al. (2017, neste volume) de que, quando há duas marcações distintas, definida e indefinida, codificadas de modos distintos, estabelece-se uma relação de transparência entre os níveis. Como veremos, a marca de número é expressa em nomes e sintagmas nominais por meio da forma =*d'əh* de acordo com a animacidade da entidade marcada independente da marcação definida por meio do numeral estar presente ou não. Dessa forma, temos que:

i) para nomes referentes a humanos, a marca de número é, geralmente, obrigatória:

## (35) Hup (Epps 2005: 165)

*né* *tukáno*=*tééh*=*d'əh* *pǎ*  
 NEG Tukano=offspring=PL NEG  
 ‘there are no Tukano children.’ (*não há crianças Tukano.*)

- ii) para nomes referentes a animais, a marca de número pode ou não estar presente de acordo com a especificidade: referências mais específicas são normalmente marcadas, como em (36), enquanto que referências não-específicas (animais de caça, por exemplo) são não-marcadas:

## (36) Hup (Epps 2005: 168)

*hid nɔ-píd-ih, yúp, yaʔám=d'əh cóʔ-óy-óh*  
 3PL say-DIST-DECL that.ITG jaguar=PL LOC-DYNM-DECL  
 'they were saying, those jaguars.' (*eles estavam falando, aqueles jaguares.*)

- iii) para nomes referentes a entidades inanimadas, a marca de número pode ser omitida, não ocorrendo no discurso. Epps (2005: 169) destaca que este caso é observado independentemente de o número ser ou não especificado com um numeral ou outro quantificador, ou seja, as duas marcas se apresentam de forma independente.

## (37) Hup (Epps 2005: 169)

*kaʔáp tíi, núcáʔah d'əh-d'əh-hám, nú-cáʔah*  
 two string this-side send-send-go this-side  
 'two strings, coming down on this side, and on this (other) side.'  
 (*duas cordas, descendo deste lado, e deste (outro) lado.*)

O sistema numérico de hup apresenta uma grande variação dos termos que designam os numerais. Epps (2005: 263) afirma que as variantes correspondem a diferentes regiões dialetais, mas algumas coexistem dentro da mesma comunidade, sendo que a maioria dos falantes parece ter ciência da variação. As formas para 1-5 são variáveis, mas apresentam uma base lexical, enquanto que os numerais de 6-20 são baseados nas mãos e pés e a contagem envolve a adição de dedos, aumentando as formas variantes. Nas séries de 11-14 e de 16-19, há ambiguidade e os falantes dependem de gestos para diferenciar os numerais enunciados. Atualmente, os falantes preferem os numerais do português para expressar quantidades superiores a seis e apresentam formas exclusivamente do português para quantidades superiores a vinte.

Chama a atenção na análise da língua o fato de que os numerais também requerem a marca de plural quando atuam como núcleos nominais, isto é, quando representam um referente plural explícito (normalmente animado), como nos exemplos (38) e (39):

## (38) Hup (Epps 2005: 171)

*kaʔáp=d'əh-ay=cud, tɪnɪh hɔhɔh=d'əh*  
 two=PL-INCH=INFR 3sg.POSS frog=PL  
 'there are two of them apparently, his frogs.' (*há dois deles aparentemente, seus sapos.*)

## (39) Hup (Epps 2005: 171)

*nĩ báb'=d'əh mótaʔáp=d'əh*  
 1sg.POSS sibling=PL three=PL  
 'my siblings are three.' (*meus irmãos são três.*)

Já no exemplo (40), a marca de número ocorre no final de uma sequência numérica:

(40) Hup (Epps 2005: 171)

*doy, cinku, cé... ʔóytu=d'əh=cudʔũhni*  
two(Pt) five(Pt) six(Pt) eight(Pt)=PL=INFR.maybe  
'(there are) 2, 5, 6, 8 of them, apparently.' (*há 2, 5, 6, 8 deles (sapos), aparentemente.*)

Epps (2005: 175) observa que, “no caso de sintagmas nominais envolvendo numerais, a marca de número, preferencialmente, ocorre tanto no numeral quanto no núcleo do sintagma (especialmente para referentes humanos), e parece ser necessária se o numeral seguir o resto do sintagma (o que provavelmente significa que estes sintagmas são de fato dois sintagmas aposicionais distintos)”,<sup>17</sup> como demonstram os exemplos (41) e (42):

(41) Hup (Epps 2005: 175)

*mōtaʔāp(=d'əh) tiyĩʔ pōg=d'əh*  
three(=PL) man big=PL  
'three big men.' (três homens grandes.)

(42) Hup (Epps 2005: 175)

*tiyĩʔ pōg=d'əh mōtaʔāp=d'əh*  
man big=PL three=PL  
'big men, three of them.' (*homens grandes, três deles.*)

Observa-se que, nos exemplos, a marca de número indefinido é expressa no adjetivo e também no numeral quando em dois atos aposicionais distintos, mostrando claramente a diferença entre as duas marcações. Não se trata apenas de marcar número de modo redundante, mas sim de expressar duas noções distintas: quantidade definida por meio do numeral e quantidade indefinida por meio da marca de número, sendo possível, inclusive, que a marca indefinida co-ocorra com o numeral. Dessa forma, há sempre transparência.

#### 4.4. Dâw

A marcação de número no dâw, como discutido por Câmara et al. (2017, neste volume), apresenta marcações específicas para quantidades definidas e indefinidas, sendo um caso de destaque que evidencia e corrobora a tese de que essas marcações são distintas e, por isso mesmo, mantem a relação de transparência entre a formulação e a codificação das noções de número.

Na língua dâw, as categorias gramaticais dos nomes são indicadas por meio de palavras gramaticais e não afixos. Como destaca Martins (2004: 129), “as noções de número são indicadas por palavras gramaticais pertencentes à classe de conjuntivos, por numerais, por suprafixo tonal ascendente ‘aumentador’ e ‘conjuntivizador’”.

<sup>17</sup> “In the case of NPs involving numerals, number marking is preferred on both the numeral and the remainder of the NP (especially for human referents), and appears to be required if the numeral follows the rest of the NP (which probably means that these are in fact two distinct appositional NPs).” (Epps, 2005:175)



Os conjuntivos indicam, além do contraste entre uma e mais unidades, a noção de conjunto. Martins (2004) lista três tipos de conjuntivo: os de pluralidade, de coletividade e de totalidade. No presente artigo, abordamos apenas o de pluralidade por acreditar que este apresenta de fato o contraste entre uma e mais unidades enquanto que o de coletividade indica coletivo e o de totalidade enfatiza a totalidade do conjunto ou da ação. De acordo com a autora, o conjuntivo de *pluralidade* indica a pluralidade dos seres, na maioria das vezes, humanos, que formam um conjunto, isto é, “refere-se aos elementos do conjunto ou indica que o conjunto está completo” (Martins 2004: 400), como no exemplo (43):

(43) Dâw (Martins 2004: 403)

*jʔãmxuʔ wêd tum dsh-úđ dʔw-tújʔ*  
 onça comer dois PLZ-REST Dâw -AFET  
 A onça comia dois Dâw inteiros de cada vez.

O sistema numeral em dâw é constituído por uma classe fechada de palavras que indicam quantidades de um a três e por locuções que expressam quantidades de quatro a dez, distinguindo entre números pares e ímpares, como mostra o quadro (2):

**Quadro 2:** Numerais em dâw (Martins 2004: 391)

Numerais	
mʔɛʔ	um
túmʔ	dois
mutwáp	três
mʔɛʔ mámʔ	números pares de 4-10
mʔɛʔ mám mēh	números ímpares de 5-9

É importante destacar, no entanto, que esse sistema é utilizado atualmente por pessoas mais idosas, já que os mais jovens e escolarizados utilizam o sistema numérico do português (Martins 2004: 392).

Ainda para indicar a noção de pluralidade, o dâw apresenta o tom ascendente “conjuntivizador”, que, de acordo com Martins (2004: 159), expressa a noção de conjuntividade ou de pluralidade e ocorre incorporado aos nomes, como se observa no exemplo (44), em que o nome *wʔác* (remo) recebe o tom ascendente, expresso aqui pela notação (´).

(44) Dâw (Martins 2004: 159)

*ʔãh tuk mutwap wʔác*  
 I want three oar:CONJ  
 ‘eu quero três remos.’

Tanto nos exemplos apresentados quanto na análise realizada por Câmara et al. (neste volume) fica evidente a distinção entre quantificação definida e indefinida em dâw. A marcação definida é expressa pelos numerais e codificada como palavras lexicais no nível morfossintático. Por sua vez, a marcação indefinida pode ser expressa, no nível morfossintático, por palavras gramaticais como é o caso do conjuntivo de pluralidade, ou pelo tom ascendente no nível fonológico. Essas duas formas de marcação mostram que as quantificações definidas e indefinidas são distintas dentro dos níveis.

## Considerações finais

Buscou-se, neste estudo, analisar a noção de quantificação e suas respectivas formas de expressão sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. Para isso, utilizamos como apoio bibliográfico a proposta apresentada no artigo de Câmara et al. (neste volume), que propõem que a quantificação é uma categoria semântica formulada no nível representacional, podendo ser expressa por meio de quantificadores definidos e indefinidos. Ou seja, para as autoras, o fenômeno da concordância, como postulado por Leufkens (2015), é transparente por ser a expressão da pluralidade de duas formas distintas: por meio de quantificação específica (lexical) e não-específica (gramatical). Assim, a proposta de Câmara et. al (2017) defende que não há redundância, mas sim duas informações codificadas de forma distinta.

Considerando tal proposta para a análise das línguas das famílias Maku e Tupi-Guarani, foi possível observar que todas as línguas da FTG abordadas são transparentes já que não há dupla marcação de número. Em todos os casos, ainda que a língua possua mecanismos para indicar tanto a quantidade específica quanto a não-específica, apenas uma delas ocorre no sintagma, ficando a cargo do falante a escolha de ser ou não mais preciso. A única exceção observada é o guajá, língua que não apresenta morfemas indicadores de plural, mas apenas marcas de coletivo, que, nesse estudo, não configuram marca de quantificação, mas marca semântica de um grupo coletivo específico.

Na família Maku, observa-se a ocorrência de dados que corroboram o postulado por Câmara et al. Na língua nadëb, não há marca gramatical de plural, apenas numerais de um a três, que são pouco precisos na língua, o que mostra que a quantificação pode não ser uma categoria relevante na língua. Nas línguas yuhup, dâw e hup as duas expressões distintas de quantificação, definida e indefinida, coocorrem. Em yuhup, a marca gramatical de plural em entidades animadas pode coocorrer com numerais em um mesmo sintagma. O mesmo se aplica em hup, sendo possível ainda que o próprio numeral receba a marca gramatical de plural quando em função de nome. Já em dâw, o numeral pode ocorrer junto à marca gramatical ou ainda à marca fonológica, o tom ascendente indicador de plural. Dessa forma, temos, no nível representacional, a quantificação definida pelo numeral e expressa por meio de uma palavra lexical no nível morfossintático, e uma quantificação indefinida, expressa por meio de um afixo também no nível morfossintático ou por meio de tom ascendente no nível fonológico. Portanto, mantém-se a relação transparente de um-para-um entre os níveis.

Dessa forma, as análises confirmam o postulado de que “as línguas expressam a quantificação tanto por meios lexicais quanto por meios gramaticais, porque cada uma dessas estruturas codifica uma informação diferente (os meios lexicais para quantificação definida e os meios gramaticais para quantificação indefinida)” (Câmara et al. neste volume), sendo que, deste modo, não se fere o Princípio de Economia da língua.

O presente trabalho reforça também a contribuição que o trabalho de Câmara et al. (neste volume) representa para a teoria da Gramática Discursivo-Funcional, já que, ao aplicar a teoria proposta pelas autoras, reafirmamos e comprovamos que, na expressão da quantificação, não é possível haver concordância de número e, assim, esse critério, tal como afirmam as autoras, não se mostra pertinente para a análise da transparência e da opacidade nas línguas naturais.

## Referências

- Camacho, Roberto Gomes; Pezatti; Erotilde Goreti; Abreu, Carolina Cau Sposito Ribeiro de; Paula, Danytielle Cristina Fernandes de (2017). Transparência Linguística. *LIAMES-Línguas Indígenas Americanas* 17(2): 223-239.
- Câmara, Aliana Lopes; Garcia, Talita Storti; Novaes-Marques, Norma Barbosa; Pezatti, Erotilde Goreti (2017). Concordância e acordo de número: uma discussão com base nas línguas indígenas do Brasil. *LIAMES-Línguas Indígenas Americanas* 17(2): 241-262.
- Cardoso, Valéria Faria (2008). *Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)* (Tese de Doutorado). Campinas: Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas.
- Dietrich, Wolf (2009). O tronco tupí e as suas famílias de línguas: Classificação e esboço tipológico. In Volker Noll; Dietrich, Wolf (orgs.). *O português e o tupí no Brasil*, pp. 1-23. São Paulo: Contexto.
- Epps, Patience (2005). *Grammar of Hup* (Tese de Doutorado). Charlottesville: Departamento de Antropologia, Universidade da Virginia.
- Hengeveld, Kees; Mackenzie, J. Lachan (2008). *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Hengeveld, Kees; Leufkens, Sterre (por vir). *Transparent and non-transparent languages*. Amsterdam Center for Language and Communication.
- Leufkens, Sterre (2015). *The transparency in language: a typological study* (Tese de Doutorado). Amsterdam: Universiteit van Amsterdam.
- Magalhães, Marina Maria Silva (2007). *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (família Tupi-Guarani)*. (Tese de Doutorado). Brasília: Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília.
- Martins, Silvana Andrade (2004). *Fonologia e gramática Dâw* (Tese de Doutorado). Amsterdam: Vrije Universiteit.
- Mattos, Ana Cristina Rodrigues (2015). *A cisão intransitiva em línguas da família tupi-guarani* (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília.
- Monserrat, Ruth Maria Fonini (1994). Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. In Luís Donozete Benzi Grupioni (org.). *Índios no Brasil*, pp. 93-104. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.
- Ospina Bozzi, Ana María (2002). *Les structures élémentaires du Yuhup Makú, langue de l'Amazonie colombienne: morphologie et syntaxe* (Tese de Doutorado). Paris: Université Paris 7.
- Rodrigues, Aryon Dall'igna (1986). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna (2011). Relações internas da família tupi-guarani. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 3 (2): 233-252.

Seki, Lucy (2000). *Gramática do Kamaiurá: Língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Imprensa Oficial.

Seki, Lucy (2000). Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Impulso* 12(27): 233-256.

Vallejos Yópan, Rosa (2010). *A grammar of Kokama-Kokamilla* (Tese de Doutorado). Oregon: Departamento de Linguística, University of Oregon Graduate School.

Weir, Helen (1984). *A negação e outros tópicos da gramática do Nadêb* (Dissertação de Mestrado). Campinas: IEL/UNICAMP.

## Abreviaturas

1PL	Primeira pessoa plural	FUT	Futuro
1SG	Primeira pessoa singular	GER	Gerúndio
2PL	Segunda pessoa plura	INCH	Incoativo/IND Modo indicativo
3	Terceira pessoa	IND	(YUHUP) Indivíduo
3SG	Terceira pessoa singular	INFR	Inferencial evidencial
3PL	Terceira pessoa plural	ITG	Intangível (demonstrativo)
ADV	Advérbio	LOC	Locativo
ADVREL	Adverbial relativizado	N	Caso nuclear
AFET	Afetado	NEG	Negação
ASP	Aspecto	NMLZ	Nominalizador
CAUS	Causativo	PFV	Perfectivo
COLL	Coletivo	PL/PLZ	Plural
COMPL	Completivo	PL.INCH	Plural inativo
COMPV	Comparativo	PL.M	Plural masculino
CONJ	Conjuntivo	PLU	Partícula pluralizadora de sujeito
DECL	Declarativo	POSS	Possessivo
DEICT	Dêítico	POST	Posterior
DESID	Desiderativo	PROJ	Aspecto projetivo
DIM	Diminutivo	R	Prefixo relacional contíguo
DIR	Direção	R2	Prefixo relacional não-contíguo
DIST	Distributivo	REL	Relativizador
DYNM	Dinâmico	REP	Reportativo
F	Feminino	REST	Restritivo
FORM	Prefixo formativo	SBJV	Modo subjuntivo

Recebido: 20/5/2017

Revisto: 21/8/2017

Aceito: 24/8/2017.